

O Moscardo: semanário humorístico – Praticamente não foi além do estado larvar se atendermos ao seu curto ciclo de vida: de 27 de Maio a 17 de Junho de 1913. O «Zumbe, Zomba e Ferra... o Ridículo» que tinha por programa não passou, afinal, de um ensaio de voo, sem desprimir para a publicação, que foi fundada e dirigida por um mestre nestas artes: Francisco Valença¹.

Nada fazia prever um fim tão inglório, tanto mais que no penúltimo número publicado se anunciava: «Com o fim de corresponder ao amável acolhimento que o publico nos dispensou, resolvemos ampliar o *Moscardo*, passando a ter oito páginas, sem aumento de preço», além de informar «que, ao abrir as azas, não tencionou abrir assignaturas, porem, como os pedidos são tantos e por estar sempre de azas abertas para servir o publico, resolveu abri-las». Portanto, ou as condições de voo se alteraram radicalmente, o que é pouco provável, ou tudo não passou de uma manobra comercial, lançada com o propósito de angariar os anunciantes e os leitores necessários para viabilizar a publicação. O estratagema era mais ou menos corrente naqueles tempos em que se dizia à boca cheia que havia mais gente a escrever jornais do que a lê-los.

O universo dos alfabetizados representaria 25% da população total e estava concentrado nas cidades. Só em Lisboa, o número de folhas diárias ultrapassava largamente a dezena. Em 1913, as publicações humorísticas somavam uns sete títulos. Se fosse possível fazer o cômputo dos jornalistas, publicistas, repórteres e folhetinistas, ilustradores, caricaturistas, colaboradores eventuais e amadores, revisores e fotógrafos, alguns administrativos etc. que se ocupavam desta produção, mesmo considerando que muitos tinham por sua conta vários periódicos, não é difícil imaginar que, sobretudo, se liam uns aos outros – passe o exagero. Daí que a imprensa fosse o suporte de vivas e prolongadas polémicas.

¹ Francisco Valença nasceu em Lisboa a 2 de Dezembro de 1882. A sua vastíssima obra encontra-se, em grande parte, disseminada pelas páginas da imprensa. Estreou-se em 1900, no quinzenário *O Chinelo*, fundado por si em colaboração com os escritores André Brun e Carlos Simões. Seguiram-se outros projectos como, o *Salão Cómico* (1902), os *Varões Assinalados* (1909-11) e *O Moscardo* (1913). Todos de curta duração. Como gestor deixa muito a desejar, mas como caricaturista está entre os mestres. A genialidade de Francisco Valença decorre, sobretudo, da agudeza de espírito e do seu traço sóbrio e luminoso, que alimentavam uma criatividade inesgotável. E sempre cordial com o adversário, quase amoroso. Seria fastidioso, e por demais extenso, referir todos os jornais e revistas onde colaborou, pelo que se destacam apenas os de natureza humorística: o suplemento humorístico d'*O Século* (1904-08); *A Sátira* (1911); e o *Sempre Fixe* (1926-59). Ilustrou vários livros e participou em diversas exposições individuais e colectivas. Em paralelo com a sua carreira de caricaturista, foi desenhador técnico do Museu Etnológico Dr. Leite Vasconcelos, entre 1926 e 1952, ano em que se reformou. Entre as medalhas e prémios recebidos contam o Grande Prémio na Exposição Internacional do Rio de Janeiro (1921) e a 1.^a Medalha de Caricatura nas Exposições da S.N.B.A.

Em Maio de 1962, a Câmara Municipal de Lisboa decidiu homenageá-lo, organizando a exposição «Lisboa na Obra de Francisco Valença», apresentada no Palácio Galveias. Pode ler-se no catálogo então editado que a «dívida de gratidão em aberto para com o talento e a dedicação cívica de Francisco Valença, alfacinha de gema e apaixonado da capital» começava a ser paga naquele dia. Uns meses depois, a 17 Janeiro de 1963, Francisco Valença faleceu na sua residência, na Rua Latino Coelho, nº 21.

Outra dificuldade de monta prendia-se com a distribuição, praticamente inexistente: *O Moscardo* vendia-se na Rua Marechal Saldanha. Só as grandes empresas conseguiam ultrapassar os limites urbanos. A luta pela sobrevivência não era fácil. Mas o espírito de iniciativa não rareava, animado pela vontade inesgotável de intervir no espaço público, denunciando o injusto e propondo a mudança à custa da verve, do aparo e da tinta.

Atentemos na carta de apresentação d' *O Moscardo* que muito diz sobre o seu posicionamento político: «- Zumbindo e zombando, irei ferindo os ridículos da política e dos maus costumes. Mettendo o ferrão em toda a parte, menos na privada de cada qual, entrarei no Congresso e bocca de certos oradores que quando a abrem é para entrarem moscas ou sahirem asneiras. Nas pastas dos ministros acharei pasto para a minha «verve». Irei pelas redacções, cafés e theatros ouvindo, comentando e documentando. Enxergando uma calva à mostra pousarei, não para repousar, mas para ir pousar n'outra. Republicano de antes de 5 e d'antes quebrar que torcer, reservarei para os monarchicos a graça grossa. Perante elles ou seja quem for, jamais baterei as azas, ainda que esteja em perspectiva apanhar umas de pau.»

Convenhamos que o editorial é claro e conciso: ao proclamar-se «Republicano de antes de 5», *O Moscardo* afirma o seu virtuosismo doutrinário, distanciando-se dos que, em seu entendimento, haviam traído os princípios e valores da Republica e dos “adesivos”. Esse criticismo terá uma tradução constante quer nas caricaturas de Francisco Valença, quer na prosa de Carlos Simões (1878-1939), o «Director Literário», como nas quadras populares de João Pisco (acreditando que é um autor real). São estes três ‘comparsas’ que asseguram os conteúdos d' *O Moscardo*. Há ainda um «Editor», Carlos Serra, que se ocupará da parte técnica, acompanhando a composição, paginação, impressão, “distribuição” etc..

Os últimos dois números d' *O Moscardo* apresentam algumas melhorias: depois de dois números com ‘apenas’ 4 páginas, aparece agora com as 8 anunciadas; novos colaboradores como «O repórter de piquete», o José Salazar, o «contra-regra», o Thasso e o Tristan Bernard – que o mais certo é não passarem de desdobramentos da pena dos dois redactores de serviço; e mais caricaturas que eram (e são) a principal fonte anímica da publicação. Portanto, um “pacote” de medidas para viabilizar a publicação.

A efémera existência d' *O Moscardo* não lhe retira interesse como publicação humorística, que faz passar pelo crivo da crítica a cadeia de acontecimentos que marcam os dias. A vida política, ou melhor, a adulteração da actividade política parece estar no centro da análise que procura difundir. E esta tem nas caricaturas de Francisco Valença o seu melhor tradutor.

Aos monárquicos debita-lhes constantemente o ruído e a intoxicação política que promoviam através da imprensa que lhes era afecta: *O Dia*, *Os Ridículos* e *O Thalassa*² estão entre as vítimas favoritas do seu lápis criativo. Os directores daquelas publicações – Moreira d'Almeida; Cruz Moreira, o *Caracoles*; e Jorge Colaço, respectivamente – foram, aliás, os primeiros a ser eleitos para

² As três folhas podem ser consultadas na Hemeroteca Municipal. No entanto, chama-se a atenção para o facto de a colecção d' *O Dia* não estar completa.

figurarem no «Museu d'O Moscado», uma página extra, concebida como «suplemento». Carlos Malheiro Dias, arauto incansável da causa monárquica, director da *Ilustração Portuguesa*³ até 1912, e colaborador regular de diversos periódicos, foi o último 'homenageado'.

Mas Francisco Valença também não condescendia com as facções republicanas que vinham governando o país – evolucionistas, unionistas e democráticos. Um «Republicano de antes de 5» como ele só podia retratá-los como traidores, gente corrompida pelo poder, esquecida do ideal de justiça social que a República se comprometera a perseguir. O «Zé» de Francisco Valença é aquela figura marcada pela ingenuidade, um pacóvio, a quem é fácil encher o olho. Na primeira página do N^o 3 está, provavelmente, um dos seus melhores retratos: passeia pelas Festas da Cidade de Lisboa, de olhar embevecido, abraçado a uma República anafada e de coroa na cabeça.

Rita Correia
(10/02/2010)

Bibliografia:

Grande enciclopédia portuguesa brasileira. Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Lda., 1978; *Exposição Lisboa na Obra de Francisco Valença*, Lisboa, CML, 1962; SOUSA, Osvaldo Macedo de, *História da Arte da Caricatura em Portugal*, s.l., Humorgrafe/S.E.C.S, 1998.

³ A *Ilustração Portuguesa*, 1^a e 2.^a séries até 1923, está disponível nesta Hemeroteca Digital. Pode aceder-lhe através do «Índice de Periódicos».